



Conta de luz fica mais cara e, em vários estados, reajuste é maior que a inflação

Com o aumento da tarifa de energia e a bandeira amarela, que cobra R\$ 1,50 a cada 100 quilowatts-hora, em muitos estados o aumento vai além da inflação.

Por Jornal Nacional

08/07/2019 21h33 · Atualizado há um dia



A conta de luz está mais cara e, em muitos estados, o reajuste passou a inflação.

Gabriel Vieira, de 8 anos, está na fase do medo do escuro. E aí, quando o sol vai embora, sai ligando tudo que é luz. “Vai que aparece um bicho no meio da noite”, diz.

A casa já tem um gasto grande de energia: geladeira, freezer, dois aquários, crianças com TV e computador no quarto. E, logo agora, nas férias, a energia subiu. “É uma loucura, porque as crianças estão o dia inteiro em casa”, conta a professora Márcia Vieira.

No país inteiro, exceto Roraima, que não faz parte do sistema interligado, os consumidores vão pagar em julho R\$ 1,50 a mais para cada 100 quilowatts-hora. É o custo extra da bandeira amarela. Em época de pouca chuva, além das hidrelétricas, é preciso acionar as usinas térmicas, mais caras.

“Uma usina hidrelétrica tem um custo operacional próximo de zero, porque é simplesmente deixar passar a água que já está ali no reservatório. Já uma usina termoeétrica requer um combustível para que ela seja acionada”, explica Cláudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

Mas a bandeira tarifária é só uma parte da conta de luz: também pesam impostos e tributos. E a maior parte da conta é a tarifa propriamente dita, que serve para cobrir os custos de geração, transmissão e distribuição de energia e, os encargos cobrados para manter o setor elétrico. A tarifa muda todo ano. Em boa parte do Brasil, como em São Paulo, ela subiu mais do que a inflação.

Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), os paulistanos vão pagar 6,41% a mais. O aumento foi de 11% em Campo Grande, 10% em Cuiabá, quase 9% no Rio de Janeiro, e maior do que 5% em Fortaleza, Natal, Recife, Salvador e Belo Horizonte. A média do país ficou em 5,2%.

A Aneel afirma que não existe relação entre a inflação e as tarifas, que variam de acordo com os custos e investimentos do setor, e que cada distribuidora tem características e mercados.

“O que prevaleceu para o aumento das tarifas de energia esse ano foram os custos de aquisição com energia elétrica. Isso devido à situação hidrológica desfavorável que temos vivido no ano de 2018 e 2019”, avaliou Elisa Bastos, diretora da Aneel.

A agência diz ainda que vem adotando medidas para reduzir o valor da energia no Brasil, como a quitação antecipada de empréstimos que pressionam os encargos.

Enquanto isso, resta ao consumidor trocar eletrodomésticos e lâmpadas por modelos que gastam menos, e mudar o comportamento. Na casa de Márcia, agora, os filhos têm que jogar videogame juntos. Uma mudança que exige um joguinho de cintura.